

PERCEPÇÃO DE MÃES ACERCA DO USO DE TELAS POR CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS NO CONTEXTO PÓS COVID-19

LAIANA MIRITZ VASCONCELOS¹; CASSANDRA DA SILVA FONSECA²
DANUSA MENEGAT³

¹*Universidade Federal de Pelotas - laianamiritzv@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - cassandrasilvaonseca@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - danusa.menegat@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Rosa e Souza (2021), o século XX foi marcado pelo avanço tecnológico, e o uso de mídias digitais, brinquedos robóticos e tablets interativos tornou-se cada vez mais comum e acessível para crianças e adolescentes. Esse cenário tem provocado uma ruptura significativa nas interações presenciais, criando barreiras que limitam os estímulos sensoriais, cognitivos e sociais, essenciais para o desenvolvimento neuropsicomotor durante a infância. Esse distanciamento das experiências diretas e das interações face a face pode impactar negativamente várias áreas do desenvolvimento infantil, comprometendo habilidades cruciais como a comunicação, a empatia e a coordenação motora, que são fundamentais para um crescimento saudável e equilibrado.

Nunes *et al.* (2023) destacam que a dependência digital na chamada "geração online" tem causado mudanças expressivas nos processos cognitivos de crianças e adolescentes. Brito *et al.* (2017) ressaltam que, no mundo atual, as crianças já nascem e crescem em um ambiente tecnológico, onde seus pais e cuidadores estão constantemente conectados.

Na terceira infância, que abrange a faixa etária de seis a onze anos, ocorrem importantes mudanças cerebrais que facilitam o amadurecimento e a aprendizagem das crianças. As competências motoras também ganham maior complexidade e sofisticação. O desenvolvimento da autopercepção, da autoestima, da capacidade de concentração e de manter a atenção por períodos mais longos, em comparação a crianças mais novas, são características marcantes dessa fase do desenvolvimento (Papalia; Feldman, 2013).

A adaptação ao uso digital resultou em um aumento expressivo no tempo de exposição a dispositivos eletrônicos. Além das aulas online, crianças e adolescentes passaram a utilizar esses aparelhos para interagir com amigos e familiares, participar de atividades recreativas virtuais e acessar diversas formas de entretenimento digital. Nesse contexto, observou-se uma ampliação significativa na oferta de serviços online, aumentando o acesso às telas para todos os membros da família, inclusive crianças. Assim, as brincadeiras tradicionais, que estimulam o desenvolvimento cognitivo, físico, além das relações sociais horizontais, têm sido gradualmente substituídas por atividades digitais, como videogames, YouTube e redes sociais (Paiva; Costa, 2015).

Diante da exposição prolongada das crianças às telas no contexto da COVID-19, especialmente aquelas que passaram pela primeira infância durante esse período, o objetivo deste estudo é analisar a percepção de mães acerca do uso de telas por crianças de 6 a 12 anos, no contexto pós COVID-19.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, descritivo-exploratório, de caráter qualitativo e quantitativo. Para a coleta de dados foram utilizados uma ficha de identificação e um questionário, elaborados e aplicados de maneira *online* por meio de formulário disponibilizado pela plataforma *Google Forms*.

Para identificar participantes elegíveis, a pesquisadora divulgou a pesquisa nas redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, utilizando tanto seu perfil pessoal quanto os perfis dos projetos de extensão do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas. Na etapa quantitativa, os dados foram organizados de forma descritiva, enquanto na fase qualitativa, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 25 mães de crianças de 6 a 12 anos que utilizam telas. A faixa etária das participantes foi de 25 a 53 anos. Em relação à escolaridade das entrevistadas, 68% possuem pós-graduação, demonstrando alto grau de qualificação entre as respondentes; 16% possuem ensino médio completo, 12% graduação de nível superior incompleto e 4% graduação de nível superior completo.

A carga horária laboral variou entre 6 a 8 horas e 8 a 10 horas diárias.

Referente ao uso de telas, constatou-se que 24% das crianças têm um tempo diário de uso de telas de aproximadamente 3 horas, sendo o celular, a tecnologia predominante.

A partir da Análise de Conteúdo, três categorias foram identificadas: 1 - Percepção e acesso às informações sobre o uso de telas na infância; 2 - Alterações na rotina diante do uso de telas e 3 - Uso de telas pós pandemia de COVID-19. Os resultados apontam para um uso excessivo de tecnologias pelas crianças, com um aumento expressivo após a pandemia de COVID-19. Durante a pesquisa, surgiram relatos significativos sobre as consequências desse uso, destacando a preocupação das mães em buscar informações sobre o tema. A maioria das participantes demonstrou um conhecimento substancial das orientações dos órgãos de saúde em relação ao uso de telas por crianças, relataram permanecer atentas em seguir essas recomendações para promover o bem-estar de seus filhos.

Muitas mães reconheceram a importância de estabelecer limites para equilibrar o tempo de uso dos dispositivos eletrônicos com outras atividades essenciais, como brincar ao ar livre e as interações sociais presenciais. No entanto, o estudo revelou que todas as crianças utilizam tecnologias diariamente, sendo que apenas seis delas o fazem dentro do tempo recomendado para suas idades. Embora as mães reconheçam os benefícios da tecnologia, como a continuidade da educação e o contato social, elas expressaram preocupações quanto aos impactos negativos, como irritabilidade, alterações no sono e dificuldades no desenvolvimento infantil, especialmente em áreas como a fala e a interação social. No entanto, algumas participantes não perceberam tais efeitos negativos, sugerindo que a mediação adequada do tempo de tela pode evitar esses problemas.

4. CONCLUSÕES

É possível concluir que, de modo geral, as participantes relataram um aumento no uso de dispositivos eletrônicos no período pós-pandemia, mesmo entre crianças que antes não utilizavam essas tecnologias, devido às demandas impostas pela situação vivida.

Ressalta-se a importância da intervenção da Terapia Ocupacional nesse contexto, pois esse profissional não só desenvolve estratégias para equilibrar o uso das telas e organizar a rotina familiar, como também está capacitado para intervir nas alterações identificadas pelas participantes. Além disso, o terapeuta ocupacional pode intervir em possíveis atrasos no desenvolvimento, decorrentes da exposição excessiva às telas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRITO, P. K. H. **Uso de telas digitais na Primeiríssima Infância, sob a ótica de mães e profissionais**. 2022. 97p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba.

NUNES, A.; VAZ, M. H. P.; SOUTO, M. C. C. M.; ABOOD, E. M.; PANTUZA, A. C. M.; CARDOSO, J. C. P.; GOUVEA, G. A. T. B.; VAZ, C. S. O uso de telas e tecnologias pela população infanto-juvenil: revisão bibliográfica sobre o impacto no desenvolvimento global de crianças e adolescentes. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n.5, p. 9926–19939, 2023.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. **A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?** 2015. Acessado em 04 mar. 2024. Online. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0839.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12^a ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

ROSA, P. M. F.; SOUZA, C. H. M. Ciberdependência e infância: as influências das tecnologias digitais no desenvolvimento da criança. **Brazilian Journal Of Development**, v. 7, n. 3, p. 23311-23321, 2021.